

ITAMAR

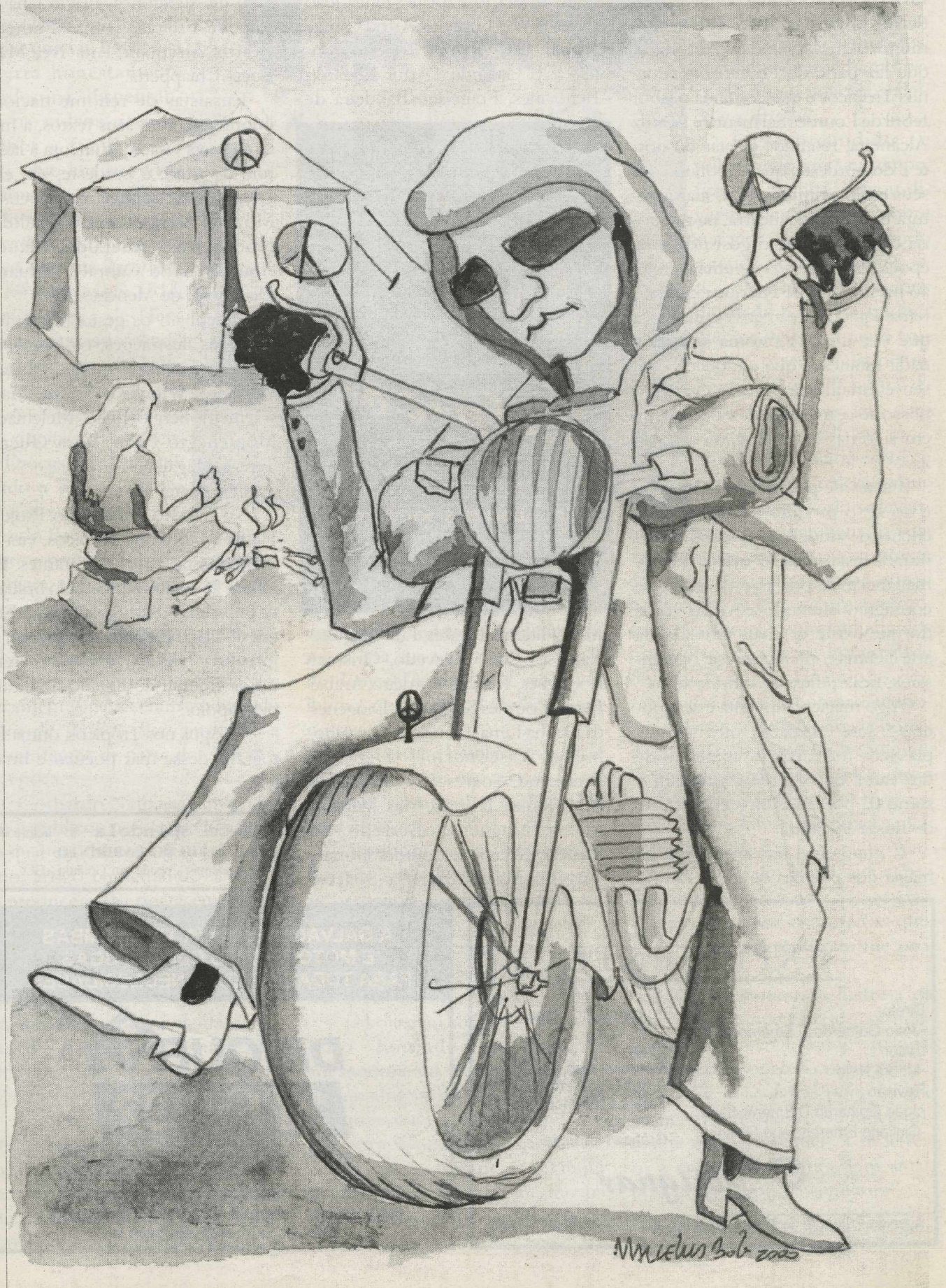
O Potiguar

Ano IV

Nº 22

Janeiro/Fevereiro 2001

Distribuição Gratuita



Água nos Trópicos

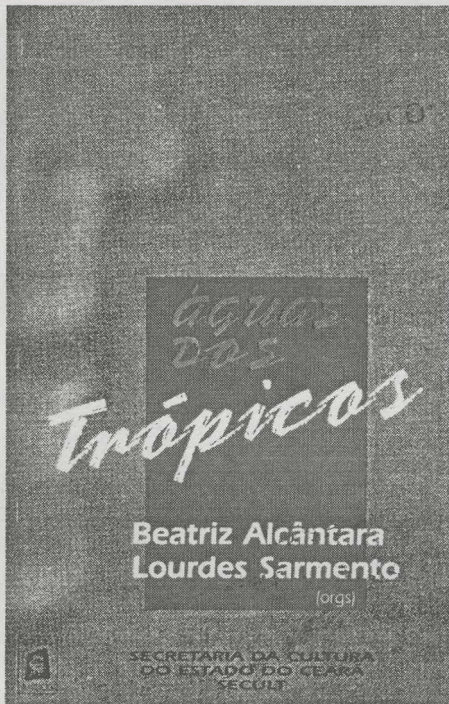
Com prazer e proveito, reli, mais de uma vez, poemas de que o próprio autor é o leitor. Água nos Trópicos, o presente magistral. Livro belo, excelente conteúdo, moderno projeto gráfico. Ilustrações muito bem escolhidas. Antologia, que faz parte do Projeto Literatura nos Trópicos e que continua o labor febril de Lourdes Sarmento e Beatriz Alcântara, reunindo poetas do norte e do nordeste, que elaboram com seus estilos, ritmos e sons a arquitetura poética que encerra, na memória destas regiões, o gosto de uma época e a referência de uma cultura, ao mesmo tempo em que explora o tema líquido e de imensa simbologia que é a água. A mesma água que nada estanca e que enriquece com seu conteúdo de riquezas várias o nosso solo, mata a sede e demonstra em lágrimas a alegria e/ou a tristeza.

Filetes de poesia levam, na água e no ar, o produto necessário para encher de amor os rios secos de ternura. Nesta obra, o mais vibrante manancial de poetas e de ensaístas consagrados unindo as várias vozes do que existe de mais refinado da arte literária contemporânea. Nos ensaios, ricas reflexões sobre o tema.

Algo mágico: noventa e sete poetas, sete ensaístas, oito artistas plásticos formando o conteúdo de um cantil que guarda e guardará o sumo da poesia de uma época fértil da nossa literatura.

É impossível não mergulhar na magia dos poemas de gente tão fa-

mosa como, entre outros, Ferreira Gullar, Marcus Accioly, Helena Parente Cunha, Adriano Espínola, Olga Savary, Heloisa Maranhão, Nilto Maciel, José Alcides Pinto, João de Jesus Paes Loureiro, Astrid Cabral, Dorian Gray Caldas, Roberto Pontes, Cyl Gallindo, Artur Eduardo Benevides, Francisco Bandeira de



Mello, Ildásio Tavares, Luís Augusto Cassas, Sânzio Azevedo, Orismar Rodrigues, Marcus Cordeiro, Anibal Bessa, Lourdes Sarmento, Diógenes da Cunha Lima, Francisco Carvalho, Marly Vasconcelos, Deborah Brennand, Soares Feitosa, Cesar Leal, Tereza Tenório, Max Martins, Lucila Nogueira, Berredo de Menezes, Maria de Lourdes Hortas, Virgílio Maia, Bartira Soares,

Henriques do Cerro Azul, Gilberto Avelino, Alcides Wek, Inez Figueiredo, Ascendino Leite, Graça Graúna, Myriam Fraga, Aluizio Furtado de Mendonça, Flávio Chaves, Lenilde Freitas, Tobias Pinheiro, Beatriz Alcântara, Ana Ivo, Maria Lúcia Chiappetta.

Ensaístas de renome nacional imprimem, com seus textos, a marca da nova visão que ancora a literatura do norte e nordeste, são eles: Diógenes da Cunha Lima, Everaldo Moreira Veras, Tereza Holiday, Noemi Elisa Aderaldo, Cláudio Aguiar, Astrid Cabral e Eduardo Diataby B. de Menezes.

Desenham os gestos das águas, em belas ilustrações, os eminentes artistas: Ezilda Goyana, Marcus Cordeiro, Wilma de Souza, Maria Carmem, Sérgio Bello, Melchíades Montenegro Filho, Rosa Guerra, Tereza Magalhães.

Que maravilha!

No terceiro volume do Projeto, Fauna e Flora nos Trópicos, virá a bibliografia dos integrantes. Parabéns às organizadoras pelo brilhante trabalho, nossos aplausos às Edições Bagaço e, de modo especial, ao jornalista Nilton Almeida, Secretário da Cultura do Estado do Ceará, pelo apoio.

Água nos Trópicos, ótima fotografia desse mar poético e brasileiro.

Alice Spíndola - autora de
FIO DO LABIRINTO
- poemas - reside em Goiânia -GO.

EXPEDIENTE

Diretor

-João Gothardo D. Emerenciano

Editor

-Moura Neto

Revisão

-João Gothardo D. Emerenciano

-Giuliano Emerenciano Ginani

Programação Visual

-J. M. Vieira

Capa

-Marcelus Bob

Gerente Comercial

-Carlos Frederico Câmara

Impressão

-Gráfica Nordeste

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400

**A GALVÃO MESQUITA TEM BOMBAS
E MOTOBOMBAS CENTRÍFUGAS
PARA TODAS AS SUAS NECESSIDADES.**

DISQUE 

211.5282

SERVIÇO DE ENTREGA DA GALVÃO MESQUITA

Rua Dr. Barata, 217-/219 - Ribeira
(próximo ao Terminal Rodoviário da Ribeira)
E-mail: galmes@digicom.br

O Poeta canguleiro

Manoel Virgílio Ferreira Itajubá (1876-1912), “o renovador da poesia lírica norte-rio-grandense”, “(...) natalense, canguleiro, o casal de olhos que viu água, céu e terra honestamente nordestina, dispensando os vidros gregos, latinos e franceses” - não teve em sua vida atribulada a satisfação de ver um livro seu publicado.

O poema *Terra Natal* foi editado em 1914, por iniciativa de Henrique Castriciano, sendo reeditado em 1927, incluso no livro *Harmonias do Norte*, impresso nas oficinas da Imprensa Diocesana de Natal; tendo a fundação José Augusto, em 1965, publicado *Poesias Completas*, organizado e prefaciado por Esmeraldo Siqueira, que acrescentou notas ao *Terra Natal*.

Em vida, Ferreira Itajubá, recebeu os primeiros incentivos de dois poetas conterrâneos que publicamente enalteciam a poesia do autor de *Perfil de Jesus*, em meio a desconfiança de parte dos literatos da época.

Gothardo Neto, seu amigo íntimo, publicou no jornal *O Potiguar*, do qual era diretor e Itajubá secretário, artigo comentando a vida e as produções do poeta em comemoração do seu aniversário, ocorrido em 21 agosto de 1908:

“Desejo falar de outro conterrâneo inteligente, alma sonhadora e rebelde, opulenta de aspirações generosas e aparelhadas para um triunfo que não virá longe”.

(...) creio que entre nós ninguém desconhece esse talentoso boêmio, que só tem palavras doces para os infortúnios que o perseguem e vive a cantar alto, espontaneamente, como cantava a estátua



de Menon, às brisas solitárias do deserto tebano...

Visitado bem cedo pela orfanidade, desde então vem lutando heroicamente contra todas as intempéries e a sua vida é um exemplo de dedicação filial pela santa velhinha, que ocupa o melhor lugar no seu coração.

(...) Ferreira Itajubá apresentou sempre, desde os mais verdes anos, as mais acentuadas inclinações para a poesia.

A princípio o seu verso era dubio para a poesia, sem colorido, sem as preocupações rudimentares da forma.

Contudo, advinha-se por entre a névoa dos primeiros sonhos a manifestação de um verdadeiro poeta.

Já hoje, não conheço mais perfeito burilador da estrofe Alexandrina ou quem melhor lapide um ditrambo modesto, cheio dos aromas da fantasia de Bulhões Pato e de Gonçalves Crespo...”

Henrique Castriciano, citado por Gothardo Neto no mesmo artigo, expressou sua opinião com relação ao poema *Terra Natal*:

“Escrita numa fase de penúria, essa história simples, contada em versos despreziosos, transmitiu-nos com a máxima intensidade, por um dom especial de poeta, transmitiu-nos as emoções dos desterrados, cuja linguagem é bem nossa, do nosso povo nostálgico e sofredor”.

Incompreendido e polemizado em seu tempo, Ferreira Itajubá, deixou diversos depoimentos sobre sua vida, sempre realçando a retidão de seu caráter:

“Vou para os 34 anos de idade e com a mulher que me deu o primeiro fruto, me casei, infelizmente. Nunca ataquei a honra da família natalense, em cujo seio tenho vivido até hoje, gozando da maior estima e consideração, e desafio que algum, despeitado se levante

na sociedade e diga bem alto, na imprensa, na tribuna ou na poeira das ruas: “Ferreira Itajubá atirou minha filha ao leito da prostituição; levou ao bordel a companheira dos meus dias; abusou da honestidade de uma viúva, profanando as cinzas de um morto; roubou a economia de meu trabalho para as noites de insônia; praticou atos indignos da moral social; foi expulso dessa ou daquela sociedade; foi mau esposo; é mau filho; mau amigo; mau cidadão.”

Ninguém em Natal será capaz de assim fazê-lo.

Estes seriam os defeitos que, segundo penso, poderiam me prejudicar”.

Eis um pouco da história da vida daquele que nasceu às margens do rio Potengi, “onde o mangal rumoreja ao sopro do vento salso”, muito fez pelas letras potiguares e do berço natal que amou indelevelmente não teve sequer “Um letreiro à compaixão futura/Um sinal, uma cruz, no pó da sepultura”.

Primeiros dias na nova terra



Ilustração: Vieira

Na sua sétima noite em terras desconhecidas, Homem da Canoa Grande dormiu mais sossegado. Acendeu a fogueira bem próxima ao local que serviria à porta ainda não trabalhada da cabana, e cuidou de abrir fendas que pudessem fazê-lo ver o exterior, antecipando reação a algum perigo porventura a surgir. O medo voltou a tomá-lo nessa noite. O cansaço daqueles últimos dias, contudo, fizeram-no dormir a sono ferrado durante toda a noite. Estava extenuado.

Nem a presença dos índios em derredor do acampamento ele percebeu, de tão silenciosos que foram os nativos em sua incursão de

alumbramento. Em nada tocaram ou levaram, cuidando de apagar as pegadas sobre a areia fina daquele chão com galhos de uma árvore de folhas pequenas, a mangabeira, abundante na mata que dominavam.

Com o cuidado que se achem a cabana do Homem da Canoa Grande, os índios se afastaram, sem molestá-lo, para observá-lo logo que despertasse daquele sono pesado, na manhã seguinte. As ordens de Potiassu eram de que deixassem no viver em paz. Só o aprisionassem se alguma embarcação fosse vista no horizonte, e que levassem vida normal, não temessem se mostrar de longe ao visitante, até para que ele

se apercebesse ser um prisioneiro da tribo, mesmo que em seus movimentos livres.

Na manhã seguinte, João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes terminou sua tarefa de armação da cabana. Agora se preocuparia com o feitio de uma cama para estar mais protegido contra os pequenos bichos peçonhentos vindos da areia, e de algo onde pudesse guardar melhor seus apetrechos. Mas já não sentia pressa de nada. Nesse dia, tomou o rumo da praia e decidiu-se por abater alguma ave para servir-lhe de alimentação. Como eram em grande número, não foi difícil abatê-las com ti-



-UNBEC-

COLÉGIO MARISTA DE NATAL

100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -
130- fone: (084) 211- 5505 - Fax:(084)212-1216-
<http://www.natal-marista.com.br-natep>
@natal-marista.com.br

ros que espalhavam chumbo em bom diâmetro. Espantados com os estampidos, os índios correram a contar a novidade ao chefe. Havi- am presenciado os tiros das canhoneiras das naus de Gaspar de Lemos, mas aquele fogo saído de estranha coisa nas mãos do homem branco, ainda não conheciam. E voltaram a temê-lo.

O chefe Potiassu passou o dia a espreitá-lo, e como ele voltou a usar arma de fogo, agora uma mais comprida, recostada ao ombro, na tentativa de abate de um veado que se aproximara do rio para beber, ele associou aquilo ao estampido de que falaram seus comandados quando do desaparecimento do guerreiro que não regressara à aldeia. Potiassu ficou imensamente intrigado com a morte do animal, afinal, Homem da Canoa Grande estava a grande distância e depois da explosão, o animal rolou por terra, inerte.

Potiassu recomendou mais cuidado com o visitante. Ficassem a distâncias mais longas, e mandou que um grupo de guerreiros voltassem ao local de onde viera o primeiro barulho semelhante àquele. Como João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes não cuidara de enterrar sua trincheira, o esconderijo foi logo encontrado pelos nativos, que levaram a notícia ao chefe. O cacique dirigiu-se ao local indicado e no fundo do buraco encontrou as folhas com vestígio de sangue, deixadas pelo português na trincheira. Um dos índios, sentindo fofo o chão onde o lusita-

no enterrara o corpo do índio abatido, noticiou suas suspeitas ao chefe que logo mandou cavar o lugar, encontrando o cadáver já em estado de decomposição.

O achado gerou grande revolta entre os índios, que queriam do chefe a permissão para matar o visitante. Potiassu, no entanto, achou que aquilo seria precipitado, já que melhor seria conhecer os seus costumes, os seus segredos. Tinha-o como inimigo perigoso, mas este estava a sua mercê. Conhecendo-o melhor, conheceria aos demais, e conhecer a astúcia do inimigo era fundamental na guerra, sabia o experimentado guerreiro potiguar, convencendo os seus comandados.

Enquanto Homem da Canoa Grande devorava em grande satisfação partes do veado abatido, a carne fresca a revigorar-lhe as forças, a viúva índia pranteava sua perda. Era jovem a viúva índia, e ainda carregava preso ao corpo o filho de poucos meses de idade. Sem o seu guerreiro a protegê-la, a vida tornar-se-ia mais difícil dali por diante. Ela queria do chefe reparação pelo mal que o indesejado visitante lhe causara.

Potiassu, consternado, prometeu-lhe a reparação, mas não de imediato, no calor das emoções. Refletiria sobre o acontecido e prometia dar solução breve ao problema. Os últimos acontecimentos na aldeia eram inusitados e necessitavam reflexão e análise. Que lhe perdoasse a índia Jandira, mas a guerra que se avizinhava era por demais

inesperada, cabendo cautela em cada decisão a ser tomada. Havi- am visto as dimensões das embarcações do inimigo, o poderio de suas armas que cuspiam fogo e atingi- am alvos a grande distância. Era necessário, sim, conhecer mais sobre ele.

Os índios estavam divididos. Uns queriam a morte imediata do visitante, outros pensavam como o cacique Potiassu. O pajé Potimirim antevia desgraças para toda a tribo, e colocava-se a favor da fogueira para Homem da Canoa Grande, para que seu espírito, depois da comilança, se incorporasse em todos eles. Foi difícil aquela noite na aldeia. Só a pulso firme e decisão que constrangeu a muitos, Potiassu acalmou a ira dos revoltosos. Estaria condenado a morte aquele que tentasse contra a vida do homem solitário. Vivo, ele poderia dar melhor conhecimento do que dispunham os homens brancos. Morto, os nativos jamais poderiam saber como deles se proteger. Melhor fazer daquele prisioneiro um amigo, cativá-lo para que pudesse revelar os segredos dos homens saídos do mar. Afinal, para sobreviver, Homem da Canoa Grande iria precisar da ciência indígena. E poderia ser morto quando bem lhes conviesse.

Eduardo Alexandre

Fragmento do livro "O Primeiro Brasileiro - Inédito"

Seja mais que ALUNO
Seja aprendiz de CIDADÃO
Congregação Filhas do amor Divino

- Educação Infantil
- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Semi-Internato



Colégio
**Nossa Senhora
das Neves**

Fone: 211 4566
Fax: 211 8820

Salinas

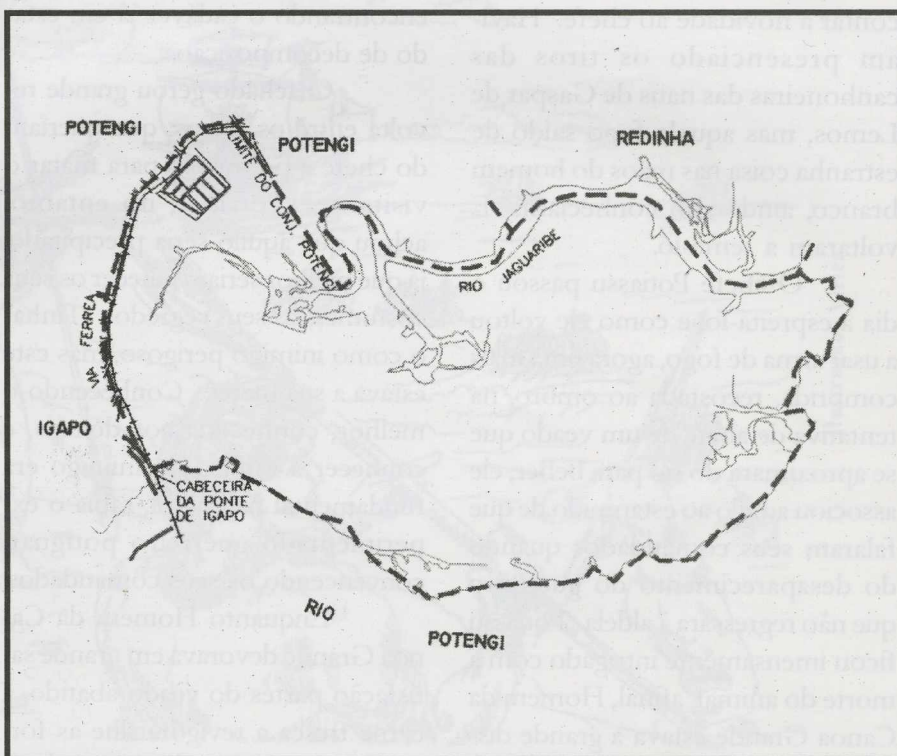
Segundo o pesquisador Olavo de Medeiros Filho, no ano de 1748, Salinas fazia parte de uma área concedida pelo Senado da Câmara de Natal ao Tenente Coronel Matias Simões Coelho, morador de Aldeia Velha (Igapó). Constam dos registros que o referido militar requereu o lugar conhecido como Porto do Cajueiro, uma pequena elevação do terreno, “desalgado de águas salgadas na ribeira do rio que vai para Nossa Senhora da Soledade, confrontando com o mesmo rio, a terra corre para o poente, e como se acha desaproveitada, quer o dito plantar suas plantas”.

Até a década de 40, Salinas tinha um cais de onde era feito o transporte de mercadorias e passageiros por via fluvial.

Nas décadas de 40/50 a área chamou a atenção do Engenheiro Roberto Freire. Pretendia ali instalar uma salina e com esta finalidade adquiriu as terras que pertenciam à família Toseli.

Com o passar do tempo, verificou-se que fatores de ordem natural como o alto índice de pluviosidade, dificultaram o sucesso do empreendimento, não justificando investir na atividade naquele local.

Após o fechamento da salina, na década de 70, o Governo



Cortez Pereira adquiriu o terreno à família Freire, para ali instalar um projeto de criação de camarões em cativeiro. O Projeto Camarão tornou-se realidade em 1973, aliando as condições ambientais favoráveis e técnicas adaptadas do exterior. Funcionou plenamente até 1976, com repercussão no Brasil e fora dele.

Depois disso, mudanças político-administrativas no governo estadual, fizeram reduzir a expressividade do projeto. A partir de então, a área foi ocupada por habitações precárias e irregulares por falta de condições ideais de

habitabilidade.

Salinas foi instituído pelo Plano Diretor de 1984 como Zona de Preservação Moderada, permitindo usos restritos. Nestes, se incluem granjas, sítios, áreas de cultura e lazer, pesquisa científica e produção de alimentos. Sua oficialização como bairro, no entanto, se deu pela Lei n.º 4.328, de 05 de abril de 1993, publicada em 07 de setembro de 1994 quando também teve definidos os seus limites.

Paulo Venturele de Paiva Castro



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte foi fundado no dia 29 de Março de 1902, numa reunião no salão da Biblioteca estadual, que funcionava no prédio do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Às 12 horas em ponto, em sessão solene presidida pelo Desembargador Vicente de Lemos, foi lavrada a ata de criação do Instituto, que teve como membros os seguintes sócios fundadores:

- Alberto Frederico de Albuquerque Maranhão
- Olímpio Manuel dos Santos Vital
- Francisco de Sales Meira e Sá
- Vicente Simões Pereira de Lemos
- Francisco Carlos Pinheiro da Câmara
- Francisco Pinto de Abreu
- Luis Manuel Fernandes Sobrinho
- Manoel Dantas
- Tomás Landim
- Cel. Pedro Soares de Araújo
- Cel. Joaquim Manuel Teixeira de Moura
- Veríssimo de Toledo





ÊTA ESCURIDÃO!

O inverno tá chegando
Nas gurgueia do Sertão
Cospe fogo, engole fogo
Espalha brasa pelo chão
Oito baixo tá tocando
Alegrando o coração
A qualhada é promessa
Da palavra do Trovão...

Meu roçado prateado
Na brancura do algodão
O feijão canivetando
A "babuji" se espalhando
Embelezando meu torrão...

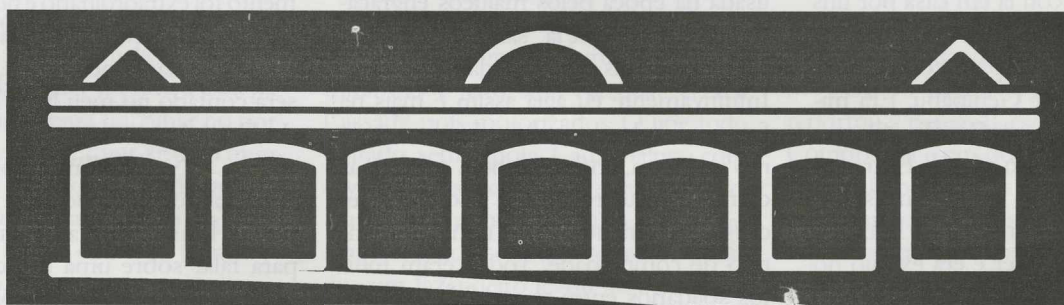
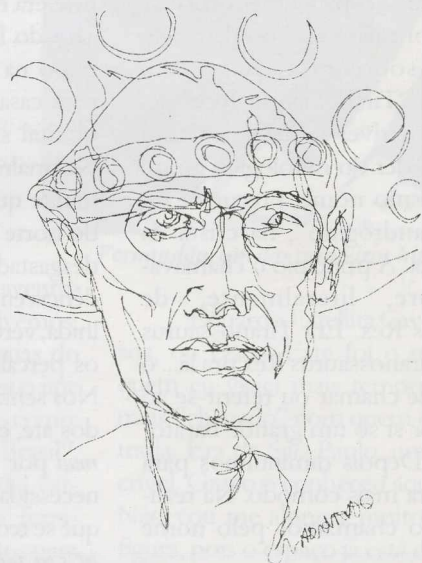
Na capela bate o sino
Eu pregundo pros menino
Cuma é o nome dele?
Os meninos me arresponde
O nome dele é Virgulino...

Eu não sou um passarinho
Prá cair em alçapão
Pra falar, falo no duro
Mossoró tá no escuro
Acendendo Lampião...

Meu surrão feito de couro
Esparrela, arataka
O colchete é quem ataca
O Menino é de Ouro
Vou calar minha matraca
Jesus Cristo fez a obra
Um é cabra o outro é cobra
Jararaca tem veneno
Tem veneno jararaca!

Eu agora toco fole
Toco sem sair do tom
O curpado disso tudo
Foi cumpade macilon...!

G. R. Caldas



Capitania das Artes

Av. Câmara Cascudo, 434-Centro

Fone: 211-6713/6763 - home page::capitaniadasartes.art.br

O “MOVIMENTO” HIPPIE EM NATAL

Última Parte

No capítulo final deste ensaio sobre o movimento hippie em nossa cidade, nos reportaremos aos “malucos” de outras paragens que estiveram, passaram ou ficaram por Natal. Tive que fazê-lo resumidamente, dado ao espaço - não exíguo - que nos cedeu **O Potiguar** todavia insuficiente para narrar mais completa e abrangentemente o assunto.

Fui eu - claro que muitos outros também o fizeram - entre todos, quem mais “malucos” hospedou em sua própria casa principalmente no ano de 1973, período “divisor de águas” entre as minhas duas principais viagens porque foi o ano em que fiquei mais tempo em Natal. Foi quando mais contato tive com aquelas figuras mágicas, singulares, futuristas, em minha cidade nativa, os quais foram quem mais consistentemente introduziram a era que ficou mundialmente conhecida como *Aquarius Age*.

Começemos a descrição com aqueles. Os que hospedei lá em casa.

O primeiro será o Ildeo. Não lembro seu sobrenome. A gente o codinominou “Tiranossaurus Rex” devido a uma incrível semelhança com Marc Bolan, líder do mitológico grupo inglês do mesmo nome, precursor do “punk-rock-andrógino”, na crista da onda na época. A princípio o chamávamos sempre, literalmente, de Tiranossauros Rex. Era Tiranossaurus Rex pra cá, Tiranossaurus Rex pra lá... o próprio ato de chamar ou referir-se ao cara já era por si só um grande barato.

Depois diminuímos para “Tiranus”. Era mais cômodo. Na realidade jamais o chamamos pelo nome próprio.

Ele ficou lá em casa por uns 15 a 20 dias, período em que curtimos muito. Levamos ele para conhecer as dunas e a lagoa de Genipabu. Era mineiro mas criado em Brasília. O cara “desbundou” com o visual. Entrou e permaneceu várias horas em estado “Alfa” chegando mesmo a ir até Betaflex.

Sabia fazer e era exímio no artesanato com couro, trabalhando com sola (couro cru, grosso) que ele molhava e depois moldava belas peças tais como bandejas, cinzeiros, porta-copos/canetas; usando um processo muito interessante de esmaltar cada peça com

uma mistura química que ele mesmo manipulava a base de água-rás, goma-laca e um tipo especial de álcool.

Trampava (trabalhava) lá em casa mesmo, depois distribuía as peças em algumas “butiques” da cidade como também as vendia pessoalmente nas praias ou no Grande Ponto. O conjunto mais bonito que ele fez, deu de presente para minha mãe e por mais de uma década ficou em sua casa.

Foi um dos malucos que eu nunca voltei a cruzar na estrada. Talvez tenha parado ou ido para o exterior. De qualquer forma vida longa para o grande Ildeo (o esteriótipo de Marc Bolan) e que Deus o tenha guardado.

O segundo da lista é Byron Lespoir, nascido em Gana, África, porém criado em Georgetown, Guiana Inglesa. Nem é preciso dizer que o cara era preto pra caramba. Foi quando eu descobri que os negros também tinham “raça pura” assim como os arianos pois sua pele era muito fina e de um negro quase azulado. Dentes alvos e perfeitos. Encontrei-o na Praia dos Artistas e o levei lá para casa, a qual tinha um aposento no quintal sob uma frondosa mangueira. Normalmente o cara estava - principalmente quando “descia”; ou seja, viajava do norte para o sul, via litoral - bastante desgastado e um período em uma residência em que lhe dispensassem boa acolhida; verdadeiro “refresco”, lenitivo para os percalços físicos naturais da estrada. Nos sentíamos felizes, um pouco realizados até, em observar aquele *maluco on the road* por um breve tempo provido das necessidades básicas - “um tempo” para que se recompusesse, e, então (outra vez): *let's go, pinote again afora*, expressão satírica usada na época pelos malucos engraçados para quando se ia “sartar” (saltar, cair fora), para mais um lance da(na) estrada. Intuitivamente eu agia assim e mais na frente os malucos também fariam o mesmo por mim, como também as pessoas comuns, o que realmente veio a acontecer. O movimento hippie tinha esse sentido de comunidade. Todos eram muitos solidários entre si e aquele que não agisse assim, não era “puro”.

Byron havia entrado no Brasil pelo Amazonas e pretendia sair apelo RS e percorrer toda a América do Sul até retornar a Guiana. Tinha curso superior.

Especializado em meteorologia. Era “Plumber” conforme referência comprobatória em seu passaporte e havia estudado e vivido em Londres. Copiou todas as letras do LP *Let it Bleed*, dos *Stones*. Esse, ao contrário dos outros malucos, não trampava; ou seja, trabalhava com nada. Sua grande qualidade era a dança. A gente colocava um disco de James Brown e o negão dançava como um diabo. Nunca tinha visto ninguém dançar daquele jeito. Passei quase dois meses lá em casa, no final dos quais meu pai chegou um dia para mim e falou: “Maurílio, você não acha que está demais não?; esse cara aqui a quase dois meses; só comendo, dormindo, indo pra praia e... dançando!?”

Foi quando eu achei também que estava no limite. Compramos uma passagem pro Byron para João Pessoa - ele queria conhecer todas as capitais do litoral do Brasil, e... bye, bye Byron. Foi legal. Vai com Deus. Ficou até hoje a sua imagem fraternal, cheia de vida (e de sonhos) e o endereço do seu amigo Frank Pilgrim, do escritório de *Public Relations* da Guiana, para quando eu por lá aparecesse um-dia-quem-sabe...

O terceiro foi o “Alemão”, ou Aderbal Vitorino Ramos, natural de Santa Catarina. Fisicamente o oposto de Byron. Apesar de ter nenhum sobrenome alemão, devia ter ascendentes. Muito branco, quase albino; até as pestanas eram louras. Era “um figura”. Aqui em Natal fez um comercial para a TV. Eu e o Alemão fomos protagonistas de episódio incrível em Porto Franco, cidade do Maranhão exatamente onde se pega a rodovia chamada Belém-Brasília. O acontecimento foi extraordinário e nos uniu para sempre por laços de amizade dado as circunstâncias especiais do ocorrido e será contado no meu livro **Memórias da Estrada**.

Nos encontramos várias vezes durante o período e em várias regiões do Brasil. Abro aqui um parágrafo para falar sobre uma das coisas mais belas que eu me lembro com bastante nitidez e ainda hoje me emociona ao recordar, que eram os reencontros dos malucos na estrada. Ora no sul, ora no norte; de outra feita no interior, ou no litoral... - eram momentos de muita sig-

nificação pois ali constatávamos após vários meses ou até mais de ano viajando no olho das incertezas e dos perigos, verificar estarmos intactos, saudáveis, repletos de insígnias e condecorações não visíveis aos olhos nus. Nos abraçávamos, nos beijávamos muitas vezes nas faces, dependendo do grau da afetividade e aí conversávamos sobre os lances os quais eram muitos e variados: dar notícias dos outros malucos, contar as aventuras vividas, de nós próprios e dos conhecidos comuns que cruzávamos no caminho. Os papos rolavam até altas horas muitas vezes embalados nas águas tépidas da “canabis”. O mundo era maravilhoso, éramos puros e nada devíamos ao sistema. Esse que se lascasse, ou não.

Aderbal Vitorino, o Alemão, foi casado com Jo por vários anos, uma paraibana criada em Belém do Pará. Tiveram um filho também na estrada e lhe puseram o nome de Uirá, “o ameríndio nu de Pindorama”, que pelos meus cálculos deve estar com uns 25 a 26 anos e após passar a primeira infância na estrada foi morar com os avós maternos em João Pessoa, para estudar – por um pouco de pressão da família de sua companhia pois para Aderbal, valia a máxima: “Schools out forever”. Dos hippies de Natal, “Alemão” era muito amigo de Fernandão. Haviam se conhecido em São Paulo. Salvo engano, o último conhece o episódio, lá em Porto Franco.

“Alemão”, na minha opinião, foi o hippie brasileiro que mais tempo viajou. Mais de vinte anos. A última vez em que nos encontramos foi em 1987, ele ainda *on the road*, eu não mais. De lá para cá perdemos o contato em grande parte devido às concessões que fui obrigado a fazer ao sistema.

Tinha uma concepção de mundo originalíssima. Era leal, verdadeiro, autêntico. Um *outsider* no sentido filosófico da palavra. Rejeitava o sistema de maneira consciente. Sabia interpretá-lo e apontar suas falhas e mazelas com todos os seus absurdos. Deixou a casa paterna aos 13 anos para trabalhar no porto de Santos e aí aventurar-se pelo mundo. Coursou a “universidade da vida” e como o seu ser tinha consistência - ninguém foi um hippie em vão - tornou-se simples, sábio, natural.

Longa vida para ti, Aderbal Vitorino Ramos, o “Alemão”.

Pronto. Estes foram os que estiveram lá em casa – o Aderbal por mais de uma vez – e que foram os mais relevantes, não os mais importantes. Hospedei

outros mas é uma questão do espaço do jornal; aliás, o Potiguar nem é um jornal, mas um periódico-cult da memória literária-histórica do RN.

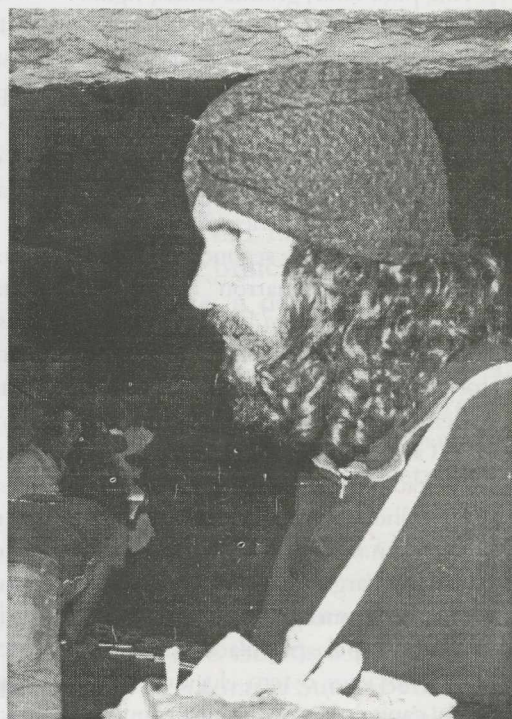
Prosseguindo gostaria de me referir a Caio Corso e Orlando Jesus Vasquez. O primeiro, gaúcho, fazia o percurso inverso ao de Byron, pois saíra do Brasil pelo Uruguai retornando pelo Amazonas. O segundo, colombiano de Cali. Haviam se cruzado em Belém e dali até Natal, viajavam juntos. Fabricavam tamancos. Caio tinha uns moldes, mandava fazer as plataformas em qualquer serraria; copiava os moldes em peças de camurça ou “vaqueta” e os aplicava na plataforma do tamanco com “pregos de cabeça”, espécies de cravos niquelados ou dourados. Eu conheci os dois e resolvemos abrir um “atelier” em uma sala que alugamos na rua Ulisses Caldas. Cada um confeccionava uma parte. Aprendi a fazer a minha rapidinho. Fabricamos tamancos em “banda de lata” que na época estavam na crista da onda. Todo mundo usava tamancos; jovens, velhos, crianças e adultos; daqueles bem “esporrentos”. Faziam: plect-ploc, plect-ploc, quando batiam na calçada. Ganhamos bastante dinheiro e um dia compramos um *jeep*, ano 54, um daqueles da segunda guerra e resolvemos, então - tínhamos muita imaginação e a vida devia ser uma aventura; só assim valia à pena. Resolvemos, como dizia, viajar de Natal a Caxias do Sul, terra natal de Caio. Enchemos o jipe com cores psicodélicas, dizeres tais como: “do RN ao RS, viajando pelo Brasil”, coisas assim e saímos então, um dia, carregados de material de trabalho, ferramentas, bastante tamancos prontos para vender na estrada, dando carona a Graco Medeiros e Everart até Recife.

Imaginem. Saímos para a estrada desse jeito, a la Kerouac e Neil Cassady, pois motorizados. O jipe todo pintado, sem capota. Cada maluco com o visual mais extravagante que o outro. Eu e Caio usando cada um par de tamancos feitos com um couro de jibóia que um fazendeiro levou no ateliê para fazer um para ele e outro para a naporada nos cedendo o resto da pele que era um couro de jibóia de uns 3 metros por 60 cms de largura...

Ah, sim!, esqueci de falar sobre o Orlando; este, infelizmente havia “dan-

çado” pra Polícia Federal e tinha sido deportado. Aquela época, talvez o pior período do regime militar, os hippies estrangeiros eram muito visados, pois alguns guerrilheiros se confundiam com eles. Mas Orlando havia dado um “jeitinho” pois um ano depois eu o encontraria em Belém, lépido e faceiro. A viagem foi muito interessante, descontando-se alguns percalços.

Pois bem, todo o périplo dessa viagem será narrado com riqueza de detalhes no “Memórias...”



Fernandão, um dos primeiros hippie de Natal

Eduardo Estellita Cavalcante Pessoa, ou Dada. Este foi o maluco com quem eu viajei mais tempo e o amigo mais “chegado” com quem estive na estrada. Era de São Paulo, uma figura incrível. Graco o conheceu aqui em Natal. Não vou me alongar muito sobre essa figura, pois o espaço já está quase terminando. Quero resumir ilustrando com um lance que aconteceu a coisa de 4 ou 5 anos atrás quando em um dos programas Globo Reporter da Rede Globo reportou a peregrinação a São Tiago da Compostela e um dos componentes do grupo de peregrinos que a reportagem acompanhou era justamente o Dada. Eu fiquei pasmado em ver aquela figura, quase trinta anos depois, assim, tão inopitadamente; do mesmo jeito, com o mesmo semblante tranqüilo e sereno, que era a sua característica.

Em 1986, Dada mandou o “Alemão” vir a Natal para me buscar e levar para a cidade de Alto Paraíso de

Goiás, cidade encravada no centro do Estado de Goiás, onde vivem até hoje remanescentes dos hippies de todo o Brasil e do mundo. Dada possui lá uma propriedade com bosques de eucalipto, cachoeiras; um verdadeiro paraíso. Seus irmãos a compraram para ele, para que "se aquietasse". Atualmente é apicultor. Produz grande quantidade de mel nessas terras. Lá, em Alto Paraíso, tudo é regido pelo conceito do natur(al)ismo e onde se estabeleceu grande parte da chamada Sociedade Alternativa. Pretendo viver lá, daqui a uns anos.

Axé para você, grande Dada, figura cósmica.

Fabiano Wellington, o "Índio". Este adotou Natal. Natural de Vitória, ES. É "um figura". Singular, carismático. Transmite uma tranqüilidade muito grande quando falamos com ele, como um índio mesmo, ou um oriental. Em 1976 circulou pela cidade e segundo suas próprias palavras, "se amarrou" na city. "Índio" esteve *on the road* bastante tempo. Exatamente entre 1971 a 1978. Depois retornou a sua cidade de origem, deu um tempo, e, desde 1981, reside em Natal. Circulou por todo o Brasil, mas, mais notadamente, as cidades da Br 101.

Não alheiatoriamente deixei para incluir no final a figura de Fernando Wanderley Vargas, o Fernando Mineiro, ou simplesmente "Mineiro" como é conhecido pela população de Natal que por 3 vezes o tem eleito vereador da capital. É com muito orgulho, admiração e prazer que o incluo aqui como um ex-hippie que adotou nossa cidade.

Mineiro, tem curso superior na área da Educação. Aportou em Natal nos anos 70, salvo engano, pois não conversei com ele sobre o assunto e tampouco com Graco Medeiros, que foi quem o ciceroneou aqui e, parece, foi o seu primeiro contato em Natal. Pelo que me informaram, Mineiro ven-

dia os seus "tramos" (trabalhos artesanais) - pois um hippie tinha orgulho do seu trabalho e o criava com consciência e prazer - na calçada da avenida Rio Branco mais precisamente em frente ao Cinema Rex. Ele aparece também - e é um retrato da época - em uma antológica fotografia dos hippies (e agregados) e artistas potiguares em um dos famosos festivais de arte do Forte dos Reis Magos, foto essa pertencente aos arquivos do Diário de Natal e publicada no livro *Geração Alternativa* do artista multimídia, poeta J. Medeiros.

No meu entender, Mineiro, através do Partido dos Trabalhadores vem contribuindo muito para que o exercício da política em nosso Estado e no Brasil, venha a tornar-se o que realmente deve ser em essência: uma Ciência voltada para o social e o bem comum. É um político sem os vícios e as anomalias tão comuns dos "polítiqueiros" infestados no nosso triste quadro social. E essa clarividência, essa consciência na maneira de se conduzir pragmaticamente na política, tem muito, ou tudo a ver com a fonte onde ele bebeu. Um hippie era acima de tudo um ferrenho crítico do sistema criado pela cultura tradicional responsável por todas as anomalias em que se encontra a condição humana atual. E acima de tudo, um revoltado pacifista com o status quo vigente. Não o aceitava de jeito nenhum e protestou radicalmente, a despeito de tudo, até deixar uma sementinha plantada "lá no canto do jardim" e que, a seu tempo, dará frutos para sempre.

Assim sendo, longa vida a você também, Mineiro, pelo que fostes, pelo que és, e, não desvirtuando o Caminho, pelo que serás.

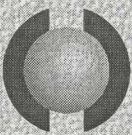
Encerrando portanto este modesto ensaio sobre o movimento hippie em Natal, só mais uma palavrinha com relação ao fator mais comumente agregado ao hippie: as drogas.

Segundo os intérpretes e analistas do assunto, todo, ou quase todo o envolvimento dos jovens desde o princípio da chamada revolução dos costumes no campo das drogas, nada mais foi do que uma busca como a preencher três coisas fundamentais: a falência dos valores morais e culturais tradicionais contaminados pela hipocrisia e o materialismo; a decepção com a educação formal; o desencanto com as religiões - nesse caso mais consistentemente com as religiões ocidentais, enfaticamente a católica apostólica romana. Isto conta até os nossos dias e a repressão apenas tem o objetivo de intensificar essa busca e atirar os jovens para o campo da violência. Pobres poderes constituídos. Podres poderes contaminados por Maya.

Também esteve muito em evidência, à época, a chamada "expansão da consciência", teoria alicerçada cientificamente por expoentes da cultura e literatura mundiais, tais como o professor da Harvard University, Timothy Leary e o escritor inglês prêmio Nobel, Aldous Huxley, com o seu "As Portas da Percepção", além de muitos, muitos outros.

Ainda no meu período na estrada conheci inúmeros malucos que tomavam nenhuma droga. Outra boa parcela era naturalista e a única "droga" que aceitavam era a maconha, por ser (era, já não é mais), uma erva natural; e assim mesmo, eventualmente. Muitos que consumiam vários tipos de drogas tinham sempre um denominador comum: a época de largá-las. Naturalmente. Outros ainda, costumavam "dar um tempo"; passavam meses e até anos sem pegar nada. Portanto essa assimilação imediata e endêmica dos hippies com as drogas era/é, uma coisa bastante relativa.

Maurílio S. Eugênio



HIPÓCRATES
REDE DE ENSINO

Ensino Fundamental
Ensino Médio
Cursinho Pré-Vestibular
"A equipe que mais aprova"
Educação Infantil
Supletivo

UNIDADES NATAL

CENTRO
R. Jundiá, 421 - Centro
Tel.: (0**84)222-4367

ZONA SUL
Av. Alam. das Mansões, S/N - Candelária
Tel.: (0**84)206-7729

ZONA NORTE
Av. Paulista, 1897 - Panatis
Tel.: (0**84)214-2947

PONTA NEGRA
R. Profa. Dirce Coutinho, 1989 - Capim Macio
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do Restaurante Tábuas de Carne
Tel.: (0**84)642-1490

CIDADE VERDE
R. Cap. Heraldo Cunha, S/N - Cid. Verde Nova Pamamirim - Tel.: (0**84)608-0641

UNIDADES JOÃO PESSOA

MIRAMAR
Av. Pte. Epitácio Pessoa, 3955 - Miramar
Tel.: (0**83)247-2294

BESSA
R. José Ferreira Nunes, S/N - Bessa
Tel.: (0**83)246-1811

LUNA
R. Casimiro de Abreu, 50 - Jardim Luna
Tel.: (0**83)244-2519

UNIDADE CAMPINA GRANDE

HIPÓCRATES
Pça. Antônio Pessoa, 111-A
Tel.: (0**83)322-7951

DESIGN: tabcc@ig.com.br

Natal do meu tempo de menina

Antigamente, a vida em Natal era mais agradável. Do começo deste século até uma certa época, a existência dos seus habitantes transcorria mais alegre, mais serena, mais feliz.

Ah! Tempos saudosos aqueles!

perniciosas, rádio e cinema inconvenientes.

Quantas brincadeiras inocentes, quantos divertimentos inofensivos!

Aos domingos, a garotada reunia-se para subir no "pau de sebo", quebrar o "gato no pote", brincar de "circo", etc. A cédula no topo do "pau de sebo" atraía as crianças. Só se via gente subindo e des-

Silva Jardim, Ribeira. Tomei parte muitas vezes neste folguedo tradicional. Os ensaios da lapinha constituíam-se em verdadeiros centros de atração popular. O "ensaio geral" era uma verdadeira festa. A residência de D. Vicencinha ficava repleta de pessoas das mais diversas classes sociais.

A torcida era renhendidíssima. Os vivas dos adeptos do "cordão azul" eram estridentes, como também os do encarnado. As pastoras caprichavam para bem desempenhar os seus respectivos papéis. No dia do queima da lapinha, a azáfama era um fato. Sendo a última noite de brincadeiras e, conseqüentemente, a da vitória de um dos partidos, todos, participantes e assistentes, se esforçavam em fazer triunfar as cores de suas preferências. O entusiasmo atingia o auge quando as ciganas penetravam no tablado.

Elas entravam cantando assim:

Somos ciganas do Egito,
que viemos a Belém,
Adorar o Sumo Bem (bis)
Me dêem uma esmola,
Pelo amor de Deus,
Que a pobre cigana,
Hoje não comeu. (bis)

As moedas e cédulas choviam nas sacolas das ciganas.

Texto escrito em 1960 (inédito)

Nati Cortez



A infância, quadra risonha da vida, época em que a criatura a desfruta sem preocupações e tristezas, decorria num ambiente sadio, livre dos perigos de hoje, onde a qualquer passo se depara com esta avalanche de costumes perniciosos, quais sejam, revistas

cando, até que um mais felizardo conseguia triunfar na peleja.

Agora tudo mudou. As crianças, sabidíssimas, brincam de caubói e só falam em cinema.

Na noite de Natal, era célebre a lapinha na casa de dona Vicencinha Lucas da Costa, na rua

CDF
CURSINHOS
TURMAS DE MARÇO

**INÍCIO
06/MARÇO**

MATRÍCULAS ABERTAS

FONE: 211-6607

**Seja inteligente,
Seja Intelecto!**

INTELECTO
COLÉGIO E CURSO

Um investimento de qualidade

Rua Adauto Aurélio da Fonseca, 183 - Conj. Montebello
Natal/RN - Fone: 217-9699



O rouxinol potiguar

Glorinha Oliveira, a cantora que, na época de valorização dos programas de rádio era em nossa terra “O rouxinol potiguar”, realiza afinal o seu grande sonho: a gravação de um disco. Na verdade, era este um desejo há muito alimentado e que, por mais de uma vez, sentiu esvaziar-se ao longo de sua vida artística. Lembraríamos, como exemplo, o que vem publicado na *Revista do Rádio*, edição de setembro de 1946, época em que o seu desempenho traduzia “A cantora grau 10” nos programas de auditório da Rádio Poti: “Embarcará hoje para Recife, onde gravará o seu primeiro disco, a cantora Glorinha Oliveira. A fábrica é a Mocambo”. E nada aconteceu.

Norte-riograndense morando no Recife, compareceu pela primeira vez ao microfone em um programa infantil da Rádio Clube de Pernambuco. Tinha, então, uns dez anos de idade e ainda hoje lembra emocionada a canção que interpretou. Diz o seu nome – “Linda” – e é capaz de repeti-la. Verificamos que a composição de Francisco Arantes e Alfredo Montmorecy, fora gravada na Colúmbia pelo cantor paulista Ubirajara, em 1931. Neste programa foi eleita a melhor cantora-mirim tendo recebido, como prêmio, um relógio de ouro.

Vindo para Natal cantava, já adolescente, em festas sociais e se apresentava em programações no teatro

Carlos Gomes (segundo revela, “Família do Samba”, criação de Aurora Miranda em 1939, fez a sua estréia em espetáculo público no teatro) até que, em 1943, foi contratada pela Rádio Educadora de Natal.

Partiu daí uma vibrante e bem



estruturada carreira de cantora, confirmando plenamente o que diziam os locutores quando anunciavam “a beleza inconfundível e o talento reconhecido de suas interpretações”.

Sua brilhante atuação no rádio resultou na criação de um fã-club em cuja instalação faltou espaço para conter a afluência dos admiradores de sua voz, como a justificar a excepcional

audiência do programa “A estrela canta”.

O sucesso prosseguiu nos anos cinquenta quando passou a escolher o repertório de algumas cantoras que, deixando as antigas estruturas, partiram para um novo modelo de interpretação, notadamente do samba. O que aconteceu na fase precursora do movimento bossa-nova.

Despedindo-se da Rádio Poti em 1959, continuou sua trajetória atuando em outras Estações de Rádio, participando de “shows” em casas de programações noturnas e cantando em espetáculos musicais no teatro.

Através dos anos, sua voz manteve sempre o mesmo estilo, aquele acento romântico bem definido nos sambas e canções que interpretava.

Neste disco estará então presente a autenticidade de sua voz. De início, ouviremos um “pot-pourri” de sambas incluindo sucessos da década de cinquenta que permanecem até hoje. Completa o roteiro musical, além da valsa “Fascinação” na versão brasileira de Armando Louzada, uma seqüência de composições inéditas, algumas de autores potiguares entre os quais está a própria cantora.

Este disco Glorinha recebe como um prêmio, na certeza de que, com ele, sua voz não se perderá no tempo.

Grácio Barbalho

ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS E PENSIONISTAS DO RN - AAP/RN

- POLICLÍNICA DO ALECRIM
- SUB-SEDE REGIONAL DE PARNAMIRIM
- SUB-SEDE EM TODOS OS MUNICÍPIOS QUE COMPÕE A GRANDE NATAL
- LABORATÓRIO MÉDICO
- LABORATÓRIOS, MÉDICOS, FARMÁCIAS E ÓTICAS

**180 MÉDICOS EM NATAL
E EM TODA GRANDE NATAL**

**Luís Fabrício A. de Oliveira
PRESIDENTE**

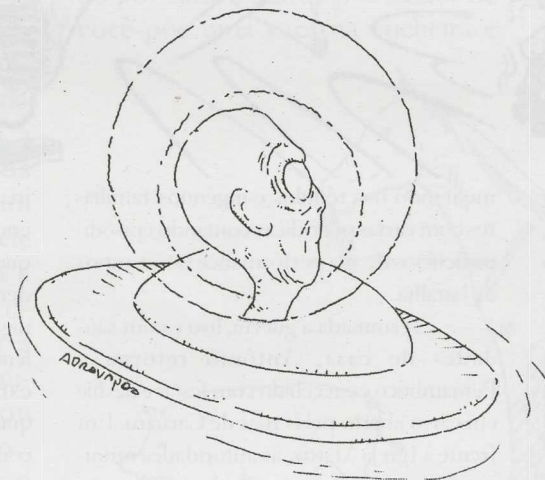
Edf. Barão do Rio Branco, 571 - Centro - 4º Andar - Sala 414 - Natal - Rio Grande do Norte
Fones: (84) 222-4145 / 201-8766 / 201-2982

O escritor Paulo Coelho, Natal e os discos voadores

O colunista Paulo Coelho, da agência globo e autor de vários livros considerados místicos e esotéricos, quase todos recordistas de vendas no Brasil, apesar da qualidade literária ser questionada pelos intelectuais puristas e conservadores de vários matizes, tem alguma ligação com Natal, “cidade espacial”? Mesmo sem possuir nenhuma base espacial no seu território – Barreira do Inferno fica no vizinho município de Parnamirim -, Natal já teve diversos grupos de estudos sobre objetos voadores não identificados, OVNI. Eu mesmo conheci um grupo que se reunia na rua Felipe Camarão, centro, com dezenas de componentes de ambos os sexos. Um daqueles estudiosos é autor de livros considerados esotéricos, também com altos índices de vendas, e se identifica com um pseudônimo (parece que é Jean Van Ellan ou coisa parecida). Na década de oitenta, o grupo foi presidido por minha mãe, Maria Natividade Cortez Gomes, que adotava o “nome artístico” de Nati Cortez. Ela e dezenas de jovens acreditavam em discos voadores. Eu sempre fui cético sobre a existência de extraterrestres e outras coisas.

Nos anos setenta e oitenta, Paulo Coelho Netto, ainda não tinha fama e, provavelmente, ele não pensava em escrever O Alquimista, mas já era conhecido nos meios esotéricos brasileiros como escritor. Paulo Coelho também acreditava em discos-voadores. Será que ainda acredita? Naquela época, ele

disse: “Os discos voadores não visitam o globo terrestre apenas como recreação turística; essa ronda constante e enigmática, parece obedecer a um plano geral e metódico de pesquisas de nossos recursos naturais, indústrias básicas, reservatórios de água, centrais elétricas, usinas atômicas, centros de lançamentos de foguetes, ba-



ses aéreas e navais, quartéis e arsenais... Eles devem ser originários de verdadeiras civilizações, que estão a dezenas de milhares ou, mesmo de milhões de anos a nossa frente, na ciência e na tecnologia. Nada têm a aprender conosco e não seriam tão bobos que nos procurassem para nos ensinar os seus segredos que mais tarde, poderiam ser usados contra eles”. Dona Nati citou essa declaração de Paulo Coelho durante o lançamento do seu livro “O Mistério dos Discos Voadores”, na tarde de 3 de julho de 1976, na livraria de propriedade de Dilma, a Potiguar, onde a professora

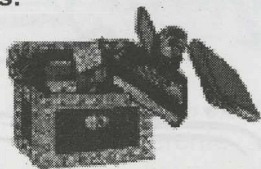
Auta Vieira fez a saudação na solenidade que contou com a presença de escritores convidados.

Através do João Evangelista Ferraz, que era “lugar tenente do Grão Priorado Nacional”, de uma Ordem Soberana e Militar dos Cavaleiros do Templo de Jerusalém, que funcionava na velha Guanabara, Nati Cortez obteve o endereço de Paulo Coelho e chegou a se corresponder com ele. Ela mandava os seus livros (peças de teatro infantil que Jesiel Figueiredo se recusou a montar) e Paulo Coelho mandava suas simpáticas opiniões. No meio de uma vasta correspondência, encontrei uma cartinha de Paulo Coelho, com o seguinte teor: “Ilustre escritora Nati Cortez. Gostei muito do recente livro da consagrada escritora – “O Mistério dos Discos Voadores”. Leitura amena, instrutiva, de quem já domina o assunto com os conhecimentos e a clareza que prendem a atenção do leitor. Do ano passado até hoje saíram, em português, traduzidos ou de autores nacionais, oito livros sobre os discos voadores. Isso é uma prova incontestável do interesse, sempre crescente, do público que acompanha o trabalho dos estudiosos. Com os meus parabéns, envio também atenciosos cumprimentos. Paulo Coelho Netto. Rio, 31-7-1976”. Naquele ano, o escritor Paulo Coelho morava na rua Coelho Netto, 47, Laranjeiras, Rio de Janeiro.

Luiz Gonzaga Cortez

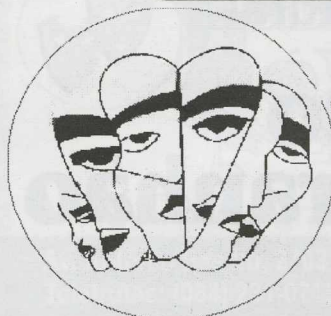
S E B O CATA LIVRO

Compra, venda e troca de livros, discos, cd's, videos e cassetes usados.



Matriz na Rua da Conceição, 617,
Filial na Vaz Gondim, 816, Centro-Natal

Sebo Espaço 104




Vende-Compra-
Troca de Cd's -Livros-
Revistas

Rua Ulisses Caldas, 94
Centro- Natal/RN
Fone: 221-3717/987-8551

Antônio de Junita e Hitler



 Professor João Inácio narrou-me uma história ocorrida em Caruaru, Pernambuco, com um cidadão mais conhecido por Antônio de Junita durante a 2ª. Guerra Mundial. Diferindo de muitos jovens, àquela época, Antônio comunicou aos pais e amigos que iria se alistar no Rio de Janeiro para de lá partir com destino a Itália, palco da luta onde a Força Expedicionária Brasileira combatia o nazi-fascismo. A decisão sacudiu a pequena cidade. De pronto, o prefeito, o juiz, o pároco, o delegado e toda a comunidade, em praça pública, decidiram homenagear o corajoso filho da terra que partiria para os campos da Europa a fim de defender o Brasil. Os discursos não paravam além dos dobrados e hinos patrióticos.

Antônio de Junita já viajou ao Rio de Janeiro como herói. Na Cidade Maravilhosa, porém, sucedeu uma reversão de expectativa. Antônio não passou nos exames de saúde. Reprovado, sentiu vergonha de voltar, depois de receber aquelas vibrantes homenagens. Ficou no Rio desfrutando as delícias da cidade até a guerra acabar mas ali-

mentando os crédulos e ingênuos familiares com cartas periódicas contando episódios fictícios de sua performance nos campos de batalha.

Terminada a guerra, liso e com saudades de casa, Antônio retorna a Pernambuco e é recebido com festas e desfile em carro aberto pelas ruas de Caruaru. Em frente à Igreja Matriz, as autoridades municipais o esperavam. Antônio, visivelmente nervoso, não via a hora de tudo terminar. Povão na praça, discursos, e, de repente, uma voz chata que lera os seus relatos de guerra pede publicamente para que narre um episódio. Constrangido, Antônio se confessa cansado e apela para outra oportunidade. Mas as autoridades e o público ensaiaram logo aquele unísono: "Conta, conta, conta!!".

Antônio sentiu que não podia decepcionar e já encorajado por uns goles da saudosa "pinga", começou: "Em Monte Castelo (Itália), certa noite, eu comandava uma patrulha quando, de repente, vi no alto de uma colina, uma luz. Pedi aos meus comandados que me dessem cobertura pois

iria, sozinho, lá em cima, verificar. Devagar, com cuidado, cheguei em frente a uma pequena cabana. Para surpreender o inimigo, derrubei a porta com um forte pontapé. E digam com quem me deparei??. Fez-se silêncio na praça. Aí a multidão numa só voz estimulou Antônio: "Quem, quem, quem?". "Adolfo Hitler", dispara Antônio como uma bomba.

As autoridades e a "galera" emitiram um estrepitoso e prolongado "xiiiiiiii", como se quisessem sugar, de uma só vez, todos os mosquitos e muricocas num raio de dois palmos da boca. "Ai", continuou Antônio, "eu disse: Hitler, seu fela da puta, vou matá-lo agora!! Foi quando ele se acovardou e se ajoelhando me rogou: "Antônio de Junita, pelo amor de Deus, não me mate!!".

Não precisa dizer que, como a história de Cristo, Antônio de Junita, em vez de subir, desceu ao calvário da execração, fugindo em seguida para bem longe, de onde nunca mais ressuscitou nem reapareceu aos seus decepcionados discípulos e familiares.

Valério Mesquita

Núcleo Cultural



Augusto Maranhão

Valério Mesquita

Deputado Estadual, Advogado, Escritor e Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras

A maldição do cavalo

O cavalo decaiu da graça divina, amaldiçoado por Nossa Senhora. Foi assim: ela estava fugindo com o menino nos braços, pois a guarda romana estava caçando Jesus para matá-lo. Durante a perseguição, Nossa Senhora conseguiu se esconder num cercado de gado. Com medo, para que os soldados não matassem seu filho, escondeu Jesus em uma touceira grande de capim elefante, que ia dar na manjedoura. E eles caçando, caçando sem encontrar Cristo. O gado, que é abençoado, passava e só tirava um bocadinho de capim, aí continuava a andar, pegando aqui e ali uma foinha. Foi quando apontou um flexado de um cavalo. Quando ele viu a touceira de mato, meteu a boca com uma fome infeliz, comendo, comendo, sem encher a barriga, até que descobriu o menino Jesus. Nossa Senhora ficou muito aflita e o cavalo comendo... O capim já havia descoberto o bucho de Jesus. Foi quando ela sentenciou o cavalo:

- Tu tá amaldiçoado! tu vai comer de noite à dia, sem encher nunca a sua barriga. Por sorte, a soldadesca não pegou, não achou o menino Deus para matar.

Desde esse dia, você nunca há de ver um cavalo de barriga cheia. Não enche não. É comendo e cagando (com licença da palavra). Olhe, o gado, à noitinha é preso no curral e fica remoendo a comida que comeu durante o dia. O cavalo não.

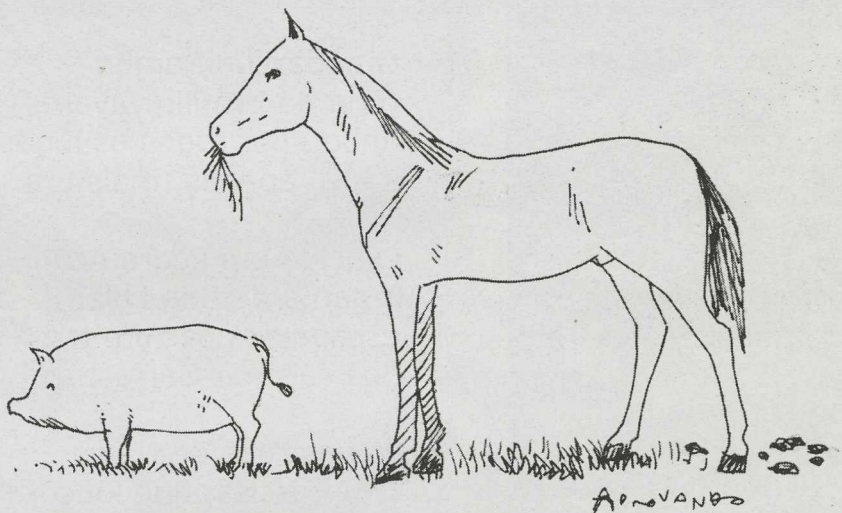
Passa á noite comendo. Quando é zero hora, faz a cama dele, se deita e dá um cochilo de uma hora. Aí, se levanta para comer de novo, já égua essa dá um cochilo, mas em pé, somente de uma meia hora. Para que se tenha uma idéia, dois cavalos comem pelo resto do gado de uma fazenda. Uma vaca caga duas, três vezes em uma noite. O cavalo, é de doze a quatorze vezes. É um amaldiçoado! comendo por cima e saindo por baixo. Se você põe uma vaca na cocheira e

pés, que chega a correr aquela água...

Olhe, panadiço, unheiro e até sete couro, agente adoce pisan-do nas fezes dele. Dizem que lá para o sul, os lavradores adubam o alho com as fezes do cavalo. Não tenho certeza não. O cavalo só presta, só é bonzinho para agente fazer uma viagem...

-E o porco?

- Olhe, o porco só olha para o chão. No dia em que ele espiar pro céu, morre. É como gente fal-



coloca um balaio de palma, um balaio de mandioca, ela come, se deita e fica remoendo. O cavalo não, come a mandioca e na mesma hora já está cagando...

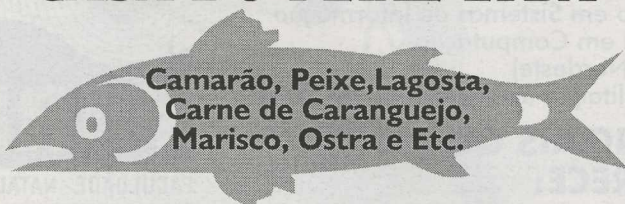
- Vai-te, besta feral! nem o adubo presta. Nas fezes dele, só dá mesmo é formiga preta, que é a maior desgraça. E ainda pior do que a vermelha aquela que corta roça, devora a lavoura, mas não morde não. A formiga preta? Onde ela morde, dá caroeira nos

sa. Ninguém dá valor, apoio a uma pessoa que você olha e ele abaixa a vista. É um má conduta miserável sem futuro que nem o porco.

Porco, nunca viu uma estrela no céu. No dia em que ele estirar a cabeça, morre. É um amaldiçoado por vida. Quem cria um porco, não vai para frente não senhor. O porco, só é bom botando na brasa, mais para criar não.

Newton Lins Bahia

CASA DO PEIXE LTDA

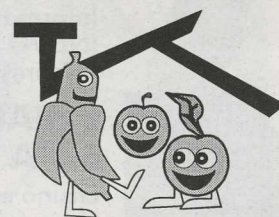


Camarão, Peixe, Lagosta,
Carne de Caranguejo,
Marisco, Ostra e Etc.

Ney Aranha Marinho Júnior
Sócio Gerente

Rua São João, 4 (Canto do Mangue) - Rocas - Natal/RN
Tel.: (084) 221-4917/982-2085

A Ki - Tanda



'A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612

DE RODEAR A TERRA E PASSEAR POR ELA

Eu não sei se estou certo
pois vagava no deserto
mas um chá de caipora,
em poucos anos de reide,
fez a cabeça de Cleide
que se foi de mundo afora.

Quando ela foi embora
Zarolho ganhou coragem,
se danou pela rodagem
e virou um baby hippie.

Levou porrada de jipe
com Maugênio e companhia,
se lascou pela Bahia
tomando optalidon.

O andarilho Ramon
(cria de Bráulio Tavares)
andou por todos os lugares
e era, apenas, mais um.

O ácido em Pedra Azul,
a ganja de São Luíz...
escaparam por um triz
dos cães de Garrastazul.

Já nas ruas de Natal
("Ai Narcisa, que loucura")
o caminhão da cultura
capotou no carnatal.

de onde vens, satanás?
lá do riacho do Baldo
pra beber todo esse caldo
que hoje não satisfaz!

Graco Legião

FARN
AQUI VOCÊ CONSTRÓI O SEU FUTURO.

OS MELHORES CURSOS SUPERIORES ESTÃO AQUI

Administração de Empresas
Ciências Contábeis
Direito
Informática: Bacharelado em Sistemas de Informação
Informática: Licenciatura em Computação
(NOVO – o primeiro do Nordeste)
Administração com Habilitação em Marketing (NOVO)

E MAIS. DIFERENCIAIS QUE SÓ A FARN OFERECE:

Ensino superior de excelência
No máximo 50 alunos por sala
A mais completa biblioteca, com acesso à internet
Grade curricular sempre atualizada
Estacionamento com segurança
Campus com ampla área verde
Parque esportivo com piscina olímpica e semi olímpica,
ginásios, pista de atletismo e campo de futebol

CONVÊNIO COM O FIES
(CRÉDITO EDUCATIVO)



FACULDADE NATALENSE
PARA O DESENVOLVIMENTO
DO RIO GRANDE DO NORTE
EDUCAÇÃO EM NÍVEL SUPERIOR

Rua Prof. Eliane Barros, 2000 – Tirol – Natal/RN
Fone/Fax: (84) 211-8688 – www.farn.br

INFORMAÇÕES: 215.2917

